
ALEGORIA DO RISO NA OBRA OS GENROS

Juliana Cristina Ferreira¹
Ulysses Rocha Filho²

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar a alegoria do riso nos contos *O bocado não é para quem faz*, *Moça rica carece de enfeite de marido bonito* e *O genro-capitão-de-indústria*, presentes na obra *Os genros* (1981), de Euclides Neto. A problemática que move esta reflexão visa compreender as intenções do narrador ao descrever o comportamento dos moradores de Beira Rio, utilizando a ironia, e ao mesmo tempo, sendo moralista. Para abordar tal problemática, busca-se apoio teórico em Silva (2008), teorizando o riso como um movimento corporal inconsciente, provocado por um fator externo que resulta no ato de rir e Compagnon (2010) que aponta a alegoria como explicação do estranho. A metodologia é constituída pela pesquisa bibliográfica e a análise de corpus abarcará a leitura dos contos citados, visando compreender a maneira como as narrativas são interpretadas e compreendidas pelo leitor no decorrer dos contos.

Palavras-chave: Riso. Alegoria. *Os genros*.

Abstract: This research aims to analyze the allegory of laughter in *O bocado não é para quem faz*, *Moça rica carece de enfeite de marido bonito* and *O genro-capitão-de-indústria*, present in the work *Os genros* (1981), de Euclides Neto. The issue that drives this reflection aimed at compreender the Narrator to describe the behavior of the residents of Beira Rio, using the irony, and at the same time, being moral. To address such problems, theoretical support in Silva (2008), theorizing the laugh as a body unconscious, caused by an external factor that results in the Act of laughing and Compagnon (2010) that points the allegory as an explanation of the weird. The methodology is made up of the literature search and the corpus analysis will cover the reading of short stories, in order to understand the way the narratives are interpreted and understood by the reader in the course of the stories.

Keys-Words: Laughter. Allegory. *Os genros*.

1 Doutoranda pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. E-mail: juliana.ferreira@ufu.br

2 Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás-Regional Catalão. E-mail: ulysses.rochafilho@gmail.com

EUCLIDES NETO E A FICÇÃO

Euclides Neto, político e escritor, conseguiu representar as lutas de classes nas terras cacauceiras por meio da sua escrita literária. Foi um militante de esquerda que viveu na época do fruto de ouro, período em que o cacau gerava riquezas³ à região Sul da Bahia e por viver nesse período histórico, conseguiu mostrar em suas narrativas, a sociedade do cacau, levando o leitor a refletir sobre esse período.

O fruto de ouro, assim chamado por gerar lucros à região Sul da Bahia, foi o motivo do desenvolvimento da região e também, um marco histórico, uma vez que, a lavoura cacauceira, no cenário brasileiro dos anos de 1836 a 1930, ficou conhecida como a civilização do cacau. Dessa maneira, como pondera Rocha (2006), a lavoura trouxe riqueza e prosperidade, devido as exportações do fruto.

Como uma representação dos acontecimentos reais, a literatura que é compreendida como um lugar “onde se cruzam a ficção e a verdade”⁴ (PIGLIA, 2014, p. 10 – *tradução nossa*), consegue mostrar a sociedade e a época, além da visão de mundo do autor, suas experiências vividas, suas crenças e ideologia. Neste sentido, Piglia (2014) pondera que, a ficção trabalha com a crença, a ideologia e com elementos convencionais da realidade para que o texto fictício mostre a cultura, a identidade e época de uma determinada sociedade.

Pensar na literatura é pensar na escrita imaginativa, na representação da realidade, na identidade e manifestação da escrita, a qual busca elementos da realidade e os transforma em ficção, como o espaço, a época e o tempo para contar os fatos. O texto literário engloba a intenção, o contexto, a visão do autor, porém de forma fictícia e o leitor interpreta o texto de acordo com sua época e sua visão de mundo, conforme assertiva crítica de Wanderley (1992).

Compreender a literariedade da narrativa é buscar legibilidade na ficção, uma vez que o texto literário trabalha com a realidade para construir um discurso que não é nem verdadeiro e nem falso e, sim, fictício, como pondera Piglia (2014). O crítico busca fazer da sua voz uma verdade, que desperta o imaginário do ser humano. Essa verdade é o que faz o leitor sentir as emoções das personagens e sentir-se como se estivesse vivenciando aquelas situações.

O escritor, com sua própria linguagem, encontra o verdadeiro sabor de recontar os fatos, de despertar a imaginação do leitor. Para que esses fatos sejam recontados, é necessário que no ato da leitura, a imaginação se expanda com as situações e a época vivenciada pela personagem. Dessa maneira, a narrativa é construída a partir da experiência do leitor em entender o caráter do texto, conforme Lobo (1992).

As narrativas de Euclides, como serão analisadas adiante, fazem representações para o leitor, sobre a região cacauceira e o desenvolvimento do Sul da Bahia, devido a monocultura, o que influenciou no comportamento das personagens moradoras de Beira Rio. É um

3 O período de 1870 à 1950, o cacau gerava riquezas, mas com o ataque da vassoura de bruxa, a partir da década de 1960, o fruto de ouro entrou em decadência, conforme Rocha (2006).

4 “Donde se cruzan la ficción y la verdad”.

autor regionalista⁵ por representar, em seus textos literários, a história da região, que serão apresentadas a seguir nas análises dos contos.

NA PERSPECTIVA DO RISO

O riso é uma maneira do ser humano se expor no momento que presencia uma situação engraçada, movimentando involuntariamente seus músculos faciais e abdominais. Nos dizeres de Silva (2008), para defini-lo talvez seja uma das tarefas difícil por se tratar de um assunto ambíguo, no entanto, por meio de comediógrafos e escritores, é resultado do comportamento de pessoas que estão presenciando um acontecimento feliz ou engraçado ou ridículo, advindos do comportamento do outro.

Nessa perspectiva sobre o riso, os contos que serão analisados nesta pesquisa o representam de maneira contundente, provocando risos na medida em que está lendo as narrativas, devido aos comportamentos esdrúxulos das personagens, representados a partir da ótica do narrador, que atua como um observador, perante a realidade. Os fatos são narrados utilizando de maneira irônica para chamar a atenção do leitor, o qual não é passivo, pois se manifesta durante a leitura, com risos.

Compreendemos que na história da humanidade, o riso sempre constituiu uma incógnita do pensamento humano, pois depende de como o ser humano interpreta um acontecimento que ele presencia e esse ato o diferencia de outros animais. Na Antiguidade⁶, rir não era considerado como ato dos deuses⁷, devido ao movimento grotesco com o corpo e com o rosto, o que significava um gesto inferior e os deuses não podiam se submeter a essa atitude. Conforme Alberti (2002) salienta em sua teoria, por gostarem de rir, os risos dos deuses eram justificados como uma forma de alegoria, isto é, uma representação do real, para dar uma explicação aceitável à população.

A alegoria, de acordo com Compagnon (2010) é usada para dar explicação aceitável àquilo que se torna estranho ao comportamento humano. O ato de rir era considerado estranho para os deuses da antiguidade e, por isso, o nome alegoria era utilizado como uma espécie de desculpa ao escândalo provocado pelo riso, pois faz a pessoa ter movimentos bruscos com a parte do abdômen e com o rosto.

Nessa perspectiva, o riso expressa um sentido de diversão e é compreendido como um alívio para as angústias e temores das pessoas. Pode ser, também, carnavalesco, que é uma paródia das máscaras, grotesco, encarado como recreação e entendido como uma forma de punição a uma vítima, deixando-a envergonhada por alguma atitude ridícula que sofreu. Para o Minidicionário da Língua Portuguesa, alegoria é uma “exposição do pensamento sob forma figurada; [...] forma de metáfora que significa uma coisa nas palavras e outra no sentido”, conforme afiança Bueno (1996).

5 O autor regionalista é aquele que busca representar por meio do texto literário a concepção de nacionalismo, valorização do clima, da paisagem, da língua e tem como pano de fundo a construção da identidade cultural de uma região, ou seja, de um espaço geográfico e social, conforme Candido (2007).

6 Período que se inicia em 4.000 a.C e vai até 375 a. C e retrata uma época histórica do surgimento e desenvolvimento das primeiras civilizações, conforme Gasparetto Júnior (2013).

7 Os deuses simbolizam na mitologia grega, a religião politeísta, como deixa a entender Gasparetto Júnior (2013).

No decorrer da leitura dos contos *O bocado é para quem faz*, *Moça rica carece de enfeite de marido bonito* e *Genro capitão de indústria*, presentes na obra *Os genros*, publicada em 1981, do escritor Euclides Neto, os acontecimentos são narrados mostrando a vida e o comportamento dos moradores de Beira Rio, com humor e ironia. Ao provocar risos no leitor, pois a ação alegoriza a figura do genro em um ambiente familiar, na época do fruto de ouro⁸ no nordeste brasileiro.

A escolha desses três contos se deu devido ao diálogo que possuem entre si, advindos das relações familiares, principalmente entre o parentesco de genros e as famílias das esposas. Nesse quadro familiar, no período do cacau, era profissão ser genro e, por isso, os rapazes preparavam-se fazendo cursos de contabilidade ou administração e de comportamento para agradar a moça rica, filha de fazendeiro porque, um dia, esses rapazes poderiam tornar-se genros de fazendeiros e precisariam saber administrar a fazenda, para tomar conta dos bens dos sogros. Genro era profissão.

Somadas as relações familiares, essas três narrativas citadas acima, a intenção do narrador é percebida no momento da narrativa, quando conta a história em terceira pessoa, o que nos dá a entender que, provavelmente é um morador antigo de Beira Rio. Na concepção de Benjamim (1998), o narrador é um observador localizado numa distância apropriada para obter-se um ângulo favorável para relatar as experiências que ele conta a partir de suas narrativas.

Como um observador do comportamento dos moradores de Beira Rio, tal narrador utiliza-se da ironia com certo tom de moralidade para contar os fatos. As características das personagens Veialita, Nenê, Clodovino, Carmélia e seu esposo são apresentadas sob a ótica de um narrador que não se identifica, porém, relata os fatos sem se comprometer com o comportamento das personagens.

Na busca para compreender o porquê do riso provocado pelo narrador, por meio da ironia, como aponta Hutcheon (2000), que é a maneira pela qual o interpretador compreende um texto.

O CONTO *O BOCADO NÃO É PARA QUEM FAZ*

O conto *O bocado não é para quem faz* representa a história da personagem Veialita, uma senhora, cujos filhos não queriam cuidar dela, exceto a filha casada com o genro pobre, Nozinho. Quando o seu filho Joaquim, político que foi assassinado sem ter filhos ou esposa, a herança ascendeu para sua mãe, a Veialita. A partir da notícia da herança, os outros filhos disputam quem vai cuidar da velha, a qual já estava em idade avançada e não podia continuar morando com o genro Nozinho, que por ser pobre não conseguia pagar as consultas, médicos e remédios para a sogra.

A voz narrativa comenta: “até o momento, ninguém sabe por que todos rejeitaram a pobre senhora. [...]. Acabara de criar a barrigada com o heroísmo de quem fica viúva ainda enxuta de carnes, guardando o luto na masmorra da virtude (diz ela)” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 19). O narrador discorre sobre a virtude da personagem, porém, não se compromete

⁸ Período em que o cacau gerava lucros a região Sul da Bahia.

ao apontar tais características quando, ironicamente, afirma: “(diz ela)”, o que leva a compreensão de que ele busca não comprometer-se com o que falou, apenas deixar subentendido para o leitor fazer suas próprias interpretações.

A ironia é percebida no momento em que o narrador “diz”, “não querendo dizer”, mostra um jogo de palavras que, de certa maneira é intencional e faz o leitor ficar na dúvida se o fato aconteceu ou não e se a personagem está mesmo dizendo a verdade. Com esse jogo de palavras, “os principais participantes do jogo da ironia, são a verdade, o interpretador e o ironista” (HUTCHEON, 2002, p. 28). Para que a ironia seja percebida, é necessário que se compreenda esse jogo de palavras, é apontado quando o narrador fala das virtudes de Veialita, porém, usa no final da frase parênteses para não se comprometer com o que a personagem afirma ser, uma mulher virtuosa.

O jogo de palavras é mecanismo utilizado pelo narrador para ir além de obviedades, registrar o comportamento sem se comprometer com o que é relatado pela personagem, além de despertar risos no leitor, por ser “a gaia ciência, o trágico com toda a sua desgraça são necessários à manutenção da espécie” (ALBERTI, 2002, p. 15). Dessa maneira, o narrador mostra que a literatura também pode ser narrada com humor. Dessa maneira, a voz narrativa comenta que quando a Veialita adoeceu, apesar de ser uma senhora forte, que “não se queixava” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 21), ninguém queria cuidar da idosa, por causa dos problemas que ela tinha como a erisipela, que minava linfa, a constante tosse e os escarros. Mesmo que ela tivesse vários filhos e filhas, todos já com suas vidas conjugais constituídas, qualquer um podia cuidar dela, porém,

Ninguém queria ficar com a velha. E ela não podia viver sozinha, devido a isipra que, na força do crescente, minava água feito brejo. Além disto era bem dotada daquela arte de jogar o genro contra a filha e a nora contra o marido, pingando, gostosamente, a gota de veneno no momento certo. Sabia puxar o assunto irritante na ocasião exata, como se fosse um arame a cutucar o dente até encontrar o nervo. Zás! A ferroada. Com ares de santa, tirava o corpo para ver o efeito. Mal a discussão acendia, afastava-se inocente para o quarto, na gostosura do croché. Ou o oratório... rezar o terço (EUCLIDES NETO, 1981, p. 20).

Os filhos da Veialita não queriam levá-la para suas casas devido à desarmonia que ela causava em suas convivências conjugais, porque a senhora, “bastava uma perguntinha inocente para espalhar a brasa e cair fora” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 20). A simples pergunta gerava brigas entre o casal o mês inteiro. Quando a discussão era provocada, Veialita retirava-se de maneira inocente do local e ia fazer croché ou rezar o terço. Essa retirada da personagem, depois de “puxar o assunto irritante”, coincide-se com o narrador ao comentar, ironicamente, sobre o comportamento da protagonista, que tinha “ares de santa”, mas gostava de “cutucar” para ver a discussão entre o casal e, depois, retirar-se para “o oratório... rezar o terço” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 20).

Ao representar o comportamento da personagem Veialita, o narrador utiliza a ironia e leva o leitor a rir, pois este “deixou de ser visto numa posição passiva” (LOBO, 1992, p. 232). Ler é participar da narrativa de forma ativa, pois conseguimos interpretar a história con-

forme suas experiências vividas. A autora (Lobo) não fez uma leitura específica de Euclides Neto, mas sim, do leitor, o qual não é um mero receptor do texto, pode também participar de maneira ativa, expressa pelas suas reações no ato da leitura.

O leitor participa do texto de maneira ativa, devido as suas interpretações a respeito do comportamento das personagens, ri dos fatos, como se fosse uma catarse que, segundo Aristóteles concerne “particularmente ao nosso ponto de vista, se referem a duas possibilidades distintas de *Katharsis*, a da alma e a do corpo” (ARISTÓTELES, 2008, p. 16). A alma seria os nossos pensamentos e emoções provocadas pela reação que o texto causa no leitor e o corpo é o resultado da leitura, que pode provocar emoções.

A maneira pela qual o narrador representa o comportamento da Veialita faz o leitor refletir sobre os fatos reais, sobre os acontecimentos da sociedade e, assim, o boato “correu todas as casas. De genro e noras. Sogra de erisipela, futriquentada e pura como bolso furado, nem o diabo quer” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 21). O narrador lembra das conversas entre vizinhos, principalmente em cidades pequenas como Beira Rio. O leitor ri, mas também, reflete sobre o comportamento da personagem, o qual pode servir de lição de moral para o comportamento social das pessoas que gostam de “futrificar” a vida alheia.

O narrador, ao contar os acontecimentos, “partilha, com entidades como o jogo, a arte, o inconsciente etc., o espaço do indizível, do impensado, necessário para que o pensamento sério se desprenda de seus limites” (ALBERTI, 2002, p. 11) e o leitor imagina os acontecimentos que vão sendo narrados no decorrer do texto e interpreta-os como um jogo de palavras com tom de ironia. Nesse jogo de palavras, a voz narrativa representa o comportamento dos filhos, filhas, genros e noras da Veialita que após receberem a notícia da herança, o discurso mudou:

— Ela vai lá para casa...
— Não... vai para minha.
— Quando ela caiu doente, ficou lá em casa.
— Mas ela é minha mãe – argumentou uma.
— Mas sou filha mais velha e eu é que tenho obrigação!
[...]
— Ela é minha mãe.
— Mas...
— Antes ninguém ligou...
(EUCLIDES NETO, 1981, p. 26).

Os filhos e filhas que tanto haviam refutado a velha, por ser “futríquenta” e, ainda, “cuspia no chão, escarrava gema de ovo no tapete da sala” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 23), como comenta a voz narrativa, agora, queriam-na por perto, por ser herdeira de uma grande fortuna, que era de seu filho Joaquim. O interesse em cuidar da senhora era para ficar perto da fortuna e quem sabe, se tornar o “dono” e levando-a para suas residências facilitaria na administração do dinheiro.

Na tentativa de apropriar-se do dinheiro da velha, segundo o narrador, seus filhos justificavam que “ela pode ter um problema de saúde com o trauma. A idade já não permite ficar longe dos socorros de urgência” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 26). Há uma contradição

no comportamento de seus filhos, pois antes, não queriam cuidar da velha, por ser “fufriquentá”, “cuspir gema de ovo no tapete”, mas, com a herança, o discurso mudou, pois alguém precisava administrar o dinheiro, uma vez que a Veialita já “estava de idade avançada” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 23).

Veialita podia até ter idade avançada, mas era esperta e tinha planos para o futuro. Não mediu esforços para expulsar os interesseiros de perto dela dizendo: “— Agradeço o cuidado de vocês todos. Agora podem ir embora” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 26), pois ela não queria sair da casa de Nozinho, o genro que cuidou dela sem herança - diferente dos outros que só estavam ali em volta por interesse, por causa da herança, mas, “a única herdeira, contudo, já planejara o futuro” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 33).

Essa causa risível na narrativa acontece porque o narrador consegue contar os fatos ironicamente e com humor até mesmo mostrar o interesse financeiro dos filhos, filhas, noras e genros, que mudam de comportamento ao dispor a cuidar da velha em suas residências, após saberem que ela era herdeira de uma grande fortuna. Dessa maneira, deixa no ar a presença do deputado Cirilo, que estava ali, junto com a família de Joaquim, apresentando interesse também, pela fortuna e “representando todos os irmãos de Joaquim, menos Nozinha, entrava com longa petição, demonstrando a insanidade da Veialita” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 33). O interesse do Dr. Cirilo era tamanho que ele disse ao Juiz:

- Imagine, Excelência, que eu mesmo fui conversar com ela. Não liga duas ideias. Quando tem um momento de semilucidez é para dizer que não quer nada, não aceita herança nenhuma e larga todo mundo para dar comida a peruzinhos. A mania dela é criar peruzinhos. Só” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 33).

Cirilo afirmava que a Veialita queria só “criar peruzinhos”, menciona como era o espaço físico, uma casa, quase fora da cidade de Beira Rio, confundida até com uma chácara e que no quintal havia criação de perus. Entretanto, o interesse de Cirilo é questionável, pois se ele conhecia Joaquim e soube de sua morte com muita rapidez, assassinado com tiros, ninguém sabia quem é culpado, poderia levantar alguma suspeita no leitor, ao afirmar que Veialita “não liga duas ideias”, o deputado está mostrando imenso interesse pela herança.

Para finalizar a narrativa e deixando o leitor pensar sobre o deputado Cirilo e sobre os planos de Veialita depois de receber a herança, o narrador assevera então que “quem souber escrever que aproveite o contado” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 37). Esta frase é tão irônica que mesmo narrando os fatos, ainda afirma que se alguém quiser aproveitar o que ele narrou, que fique à vontade.

O comportamento da Veialita, representado pela voz narrativa, causa risos, porque “trata-se de uma matéria concreta, de estudos semelhantes ‘aos espíritos’ e aos ‘humores’, que penetra em nós pelos canais dos olhos e dos ouvidos – porque a coisa risível pode ser vista ou ouvida” (VERENA, 1995, p. 2-3 – *grifo do autor*). Ao ler um texto irônico, o leitor consegue achar engraçado o texto, devido a maneira humorada do narrador ao contar os fatos.

O LEITOR RI – MOÇA RICA CARECE DE ENFEITE DE MARIDO BONITO

O conto *Moça rica carece do enfeite de marido bonito* representa a história de Kuneigundes, uma moça interiorana que foi para o Rio de Janeiro morar com a tia, a qual, estava deixando toda a sua riqueza como herança para ela, por ser a sua única sobrinha. Ao chegar no Rio de Janeiro, sua tia a nomeou como Nenê, pois não agradava do nome da moça. A sobrinha conheceu Clodovino, um rapaz pobre do Rio, que fez cursos para se casar com moça rica, fazendeira. Ambos se conheceram e se casaram. Clodovino e sua esposa, após o casamento foram morar em Beira Rio e a partir daí, o narrador apresenta a vida conjugal do casal.

Clodovino é um rapaz que se preparou, fez cursos para se casar com filha de fazendeiro e posteriormente, administrar os bens do sogro, o narrador comenta que “desde cedo, alguém incutiu: - Peçaço de homem! Vai deixar muita ricaça de cabeça atormentada” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 51). O fato de ser muito bonito, o fazia se sentir merecedor de uma esposa rica e por isso, preparou-se muito bem para que pudesse administrar os bens do sogro. Comenta a voz narrativa que o rapaz “correu as fazendas e ficou deslumbrado. Nascera em Guanabara [...]. Mas, como bom artista, estudara o seu papel. Comprou livros antes de partir às matas, na louca e ambiciosa aventura” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 52), como se fosse um estágio para saber como funcionava as plantações de cacau, para administrar a fazenda do sogro com sabedoria.

Ao dizer que Clodovino era um “peçaço de homem”, o narrador demonstra ironia, por ser um rapaz bonito, precisava usar sua beleza para atrair moça rica. O narrador mostra ironia ao afirmar que o rapaz “vai deixar muita ricaça de cabeça atormentada” com sua beldade. Essa forma irônica do narrador falar da beleza de Clodovino, pondera que “a cena da ironia é social e política, fazendo parte do processo comunicativo” (BRAUNER, 2009, p. 4) entre os seres humanos, ou seja, é um lugar comum dentro do âmbito social.

No dia em que Clodovino casou-se com Nenê, pôde colocar em prática todo o seu aprendizado advindo dos cursos para se casar com moça rica, pois ele já “andava meio desesperado da vida. Tentara o teatro, a televisão, o cinema. Só tinha o porte. Serviria para modelo, coisa que não precisasse fazer movimento com a língua” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 55). Era bonito, mas não sabia conversar direito para tentar outras profissões.

Após o casamento, “descobriu ele que ela gostava de esconder a origem roceira e ela percebeu que ele não era economista coisa nenhuma e nunca fora interessado em qualquer indústria” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 59), eles mentiram um para o outro para satisfazerem seus desejos pessoais, ela por ter uma origem roceira, queria um marido bonito ao lado e ele, por ser um “peçaço de homem”, merecia casar-se com uma mulher rica. Todavia, as descobertas não atrapalharam na união conjugal movida pelo interesse porque, ambos se apresentam de maneira irônica, pois “a ironia é uma figura de linguagem poderosa a ser utilizada pela literatura, já que ela ‘diz não dizendo’, ‘mostra não mostrando’” (BRAUNER, 2009, p. 3).

A ironia é um instrumento capaz de despertar o riso, por mostrar a realidade com uma gota de crítica a um determinado comportamento da personagem, como por exemplo, o fato de Nenê e Clodovino saberem das origens um do outro, que era uma farsa, mas que

o interesse pessoal de cada um cobria qualquer mentira, pois ela havia se casado com um “pedaço de homem” e ele com uma moça rica. O narrador comenta que o casal escondia suas origens, mas mesmo depois de saber a verdade, o casamento aconteceu por interesses particulares.

Depois de casados, Clodovino e Nenê foram morar numa das fazendas herdadas, localizada no município de Beira Rio. Nos primeiros dias após o casamento, segundo a voz narrativa, aconteceu um assalto e os assaltantes prenderam Nenê no quarto, mas “Clodovino nem raciocinou que estava pelo lado de fora e que poderia livremente correr, pedindo socorro” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 61). Ele ouvia os gemidos de Nenê e o ranger de cama, como pondera o narrador, “o monstro demorou uma légua de tempo. Os ruídos de sofrimento dela desapareciam e voltavam a crescer com a cama rangendo sôfrega” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 61). Até para dizer que o marido estava conformado com o ranger de sua esposa dentro do quarto, o narrador foi irônico pois, poderia ter feito alguma coisa para salvar a mulher, mas não fez.

A função do rapaz é de saber que “o genro não se casa cedo, com exceções evidentes. Aquela idade em que o amor encobre tudo e o noivo não faz cadastro, é própria dos novatos” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 52). O homem não casava cedo porque, precisava fazer cursos, aperfeiçoar-se para saber administrar a fortuna do sogro, porque se o casamento ocorrer cedo, o rapaz terá as ilusões da juventude e poderá não fazer uma boa escolha de casar-se com moça que não seja filha de grande fazendeiro.

Clodovino era vaidoso e muito bonito, segundo a voz narrativa, devido a sua tamanha vaidade, quando se casou, “inaugurou em Beira Rio o hábito escandalizante de homem tratar as unhas” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 52) o fato de um homem arrumar as unhas era novidade ao universo masculino. Contradizendo, o mais importante para a moça naquele tempo, segundo o narrador, “a noiva basta ser rica” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 52), isso porque, “a moça não precisa de tal atributo. O pai dela é que, necessariamente, carece ser influente” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 52). O importante era ser genro de fazendeiro, pois, “genro que se preza calcula máquina” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 52).

A beleza não era fundamental para a mulher, como afirmara Carmelita. Para ela, Nenê “é uma trouxa amarrada pelo meio”, mas que guardava a virgindade a ferro e fogo” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 53). Nenê é uma mulata que “nasceu para casar, ancuda, rosto redondo de muitos filhos, os tais olhos rasos que definem a parideira. E a parelha de peitos em cabeça pra menino escumar na fartura do apoio” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 52). O formato do corpo de Nenê, “ancuda” e o “rosto redondo” já demonstrava a “parideira” que ela seria se não tivesse evitado com “píluas, camisas-de-força, tampinhas, um aborto, cuidados nas quadras férteis etc., terminou querendo-os, ansiosamente, sem poder tê-los” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 59). Sem poder ser mãe, “a culpa caiu em Clodovino. Era ele, detentor do sêmem morto, bicho louro, sem prestígio” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 59). Nenê, após o casamento usou vários métodos para evitá-los. Contudo, quando quis ser mãe e não conseguiu e colocou a culpa no marido, que doava “sêmem morto”.

A ironia que o narrador utiliza ao contar os fatos, representa a personagem Nenê, uma moça “ancuda”, que um corpo favorável a fertilidade, por ter evitado filhos não conseguiu ser mãe. Esse trecho evoca a realidade, tanto daquela época quanto da atual: quantas mu-

lheres já evitaram gravidez e, com o passar do tempo, revisaram seu conceito e decidiram ser mães, porém não conseguiram. Essa aproximação, existente entre o mundo real e o mundo ficcional, dá-se a partir do trabalho em que o leitor tem ao passar pelas linhas de um texto literário.

O GENRO-CAPITÃO-DE-INDÚSTRIA... E O RISO (?)

A narrativa *O genro-Capitão-de-Indústria* representa a vida de um rapaz que conheceu Carmélia, filha de fazendeiro, casou-se com ela e foi morar numa casa doada pela sogra. O genro parecia ter nascido para os negócios, assim que se casou, começou a fazer a fortuna de sua esposa render, montou seu próprio negócio e multiplicou o dinheiro, porém, “na residência fornecida pela sogra (o sogro já virara missa de sétimo dia) começa o novo capitão-de-indústria a comandar o patrimônio recebido na partilha dos bens do espólio” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 20).

O narrador em terceira pessoa, para Benjamin (1998) é alguém que observa de longe os acontecimentos e tudo pode narrar. Todavia, nas narrativas analisadas, os acontecimentos são apresentados com ironia para relatar que o genro foi morar numa casa doada pela sogra, mas que passou a comandar o patrimônio recebido. Contudo, ao colocar entre parênteses que “o sogro já virara missa de sétimo dia” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 20), o narrador deixa claro que a opinião do sogro não era importante, pois, o genro “novo capitão-de-indústria” iria administrar os bens da família.

O conto *O genro-capitão-de-indústria*, apresenta uma epígrafe no início, a qual ressalta que “a função social do genro é espalhar aquilo que o sogro juntou” (XAVIER apud EUCLIDES NETO, 1981), representa o comportamento e as intenções do genro de fazendeiro de cacau. A partir daí, percebe-se que ser genro era profissão pois a intenção era tomar conta da fortuna do sogro e gastar todo o dinheiro para os seus desejos luxuosos.

O esposo quando se casou, logo pensou em vender a fazenda do sogro, que segundo a voz narrativa, procurou um bom empresário e calculou “quanto vale a Fazenda Belo Campo? Pelo barato... duzentos milhões”, além de já ter como objetivo, ampliar a herança da esposa, a qual “descambou o beicinho, admirada pelos conhecimentos do marido. Não havia mais dúvidas quanto a sua capacidade” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 112). Após o casamento, Carmélia passou a admirar as aptidões do marido na administração de sua herança. Todavia, antes de se casarem, ela dizia que ele “é um puro, anda matando cachorro a tapa, não tem onde cair morto, despreparado, caça-não-sei-o-quê” (EUCLIDES NETO, p. 112), ou seja: pensava que o marido seria incapaz de render a fortuna de seu pai, por ele vir de família menos favorecida.

A voz narrativa afirma que o genro era “o próprio homem de negócios a multiplicar a herança da esposa originalmente mixuruca em relação ao que era hoje” (EUCLIDES NETO, p. 113), pois, conseguiu abrir seu próprio negócio em Salvador e deixou a Fazenda, não ia lá nem para olhar as plantações de cacau e “a família, por parte da mulher, lá em Beira Rio, ufanava-se do nobre parente” (EUCLIDES NETO, p. 114), que era inteligente, conseguia fazer o dinheiro se multiplicar em seus negócios.

Ao utilizar a ironia, o narrador possui uma intenção, porque, “ela não é um instrumento retórico estático a ser utilizado, mas nasce nas relações entre significados, e também entre as pessoas e emissões e, às vezes, entre intenções e interpretações” (HUTCHEON, 2000, p. 30). Com ironia, a voz narrativa apresenta que o genro, tão fabuloso nos negócios da família, mostrou-se que obteve gastos exacerbados com festas e viagens e “a firma Carvalho Souza, que vivia naquele equilíbrio de cadeira no arame, bambeou, tremeu [...], as assinaturas da sogra Maria estavam sendo falsificadas há tempos, bem como as dos cunhados e algumas da própria esposa” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 117). O genro, que se achava muito esperto, deparava-se com a falência, devido aos empresários e gastos exacerbados.

Além de sofrer com traições advindas da esposa que durante uma festa em sua residência, segundo a voz narrativa, Carmélia “estava à dispo...si...ção dos...ami...gos. Houve protestos, mas as risadas abafaram a saída da mulher dele com o qualquer dela” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 115). Nem protestar ou impedir que saísse com “o qualquer dela” ele conseguiu. Foi traído na presença dos amigos durante uma festa que estava dando em sua residência. Os amigos riram, mas o impediram de ir atrás e protestar contra a traição. O narrador, como sempre, irônico e moralista, encerra o conto dizendo: “o certo mesmo é que o litígio da separação judicial ainda perdura. Quem quiser tomar conhecimento vá a Beira Rio, Cartório do Civil” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 118).

Nesse conto, fica explícito que o título do conto já representa bem a profissão de genro, pois, nem o nome do genro recebeu, simplesmente foi nomeado como “capitão-de-indústria”, para firmar a profissão de genro, Dessa maneira, o genro não foi nomeado, mas ficou conhecido como “capitão de indústria”, por conseguir administrar a fortuna do sogro e fazer render a herança da esposa.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

As narrativas de Euclides Neto servem como fato histórico e social da época em que o cacau gerava lucros a região Sul da Bahia. Representa o processo de desenvolvimento caqueiro e em seus escritos conhecemos um pouco mais sobre a região do cacau e como era a vida dos moradores de Beira Rio, como representa a voz narrativa: “só tem genro e sogra [...] ali na Rua do Dendê” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 19), os quais possuíam “a maior virtude: o culto daquelas amizades com o ranço dos privilégios dos tempos mortos. Vivia entrosado com a necessidade de cada um” (EUCLIDES NETO, 1981, p. 27).

Os contos analisados nesta pesquisa, *Um bocado é para quem faz*, *Moça rica carece de enfeite de marido bonito* e *Genro capitão de indústria*, de Euclides Neto, tiveram como finalidade elucidar e comunicar, a maneira irônica e moralista bem como o comportamento, daquelas personagens que viviam em Beira Rio nos tempos do fruto de ouro na obra em relevo. Tudo, de acordo com o aviso prévio, de provocar risos, pois, sabe-se que, historicamente, “a cena da ironia é social e política, fazendo parte do processo comunicativo” (BRAUNER, 2009, p. 4).

Ao ler Euclides Neto, percebe-se que suas narrativas representam um momento histórico do Brasil, a época do fruto de ouro (ciclo do cacau nordestino) e busca averiguar as

causas que despertam o riso no leitor, além do tom irônico do narrador ao comentar sobre o comportamento familiar das personagens dos três contos revisitados.

O leitor é envolvido pela narrativa porque funciona como um eixo móvel na dialética da leitura, a qual constrói significados a partir de suas interpretações e compreensões do texto e, não somente, do enredo ali apresentado. De maneira universal, os espaços vazios das narrativas são preenchidos no ato da leitura, conforme Lobo (1992), uma vez que o leitor cria expectativas pois, a leitura é reconstruída de acordo com o tempo e a visão de mundo do leitor e de acordo com suas convenções culturais.

Na medida em que o leitor é envolvido pela história da ativa Veilita, percebe-se o comportamento esdrúxulo da personagem e de seus familiares pois, antes, ninguém queria cuidar dela por ser “futriquenta”, arrumar briga entre os casais e por “escarrar gema de ovo” no tapete da sala. Essas atitudes faziam com que as noras e os genros não queriam a velha em suas casas. Contudo, após receber a herança de seu filho Joaquim, todos se reuniram na casa do Nozinho, o genro pobre para disputar quem cuidaria da Veialita. Essa narrativa só afirma o que foi citado anteriormente por Euclides Neto, o qual diz que na rua do Dendê, todos se reuniam e se entrosavam de acordo com a necessidade individual de cada um.

As personagens Clodovino e Nenê são muito engraçados se por casarem pelo interesses particulares de cada um: ele para colocar em prática os cursos que havia feito para se casar com moça e rica e conseguir administrar a fortuna; e ela tinha interesse em se casar com um marido bonito, em que todas o vissem e dissessem: “pedaço de homem”. Como percebe-se, a união foi consumada devido ao interesse de cada um.

A personagem Carmélia, assim como Nenê, traiu o marido e este viu, mas não teve como protestar, pois as “risadas” dos amigos e a farra que ele estava em sua própria reidência o impediu de “protestar” contra a traição. O genro, cujo nome não é citado, casou-se com Carmélia com o intuito de aumentar sua riqueza, com a finalidade voltada para os próprios desejos, que eram o de uma vida luxuosa. Mas, o fato da sogra assinar papéis em branco, fez a fortuna acabar, sem falar que “o sogro já virara missa de sétimo dia” para o genro pois, o interessante era apenas na herança da esposa, para administrá-la.

A ironia, também, é percebida no decorrer dos contos com os contrastes que acontecem neles, portanto, a Veialita, cujo nome é uma junção de velha com Lita, que pode ser compreendido como uma tradição, as viúvas deveriam ser virtuosas e guardarem rigidamente o luto. O conto O bocado não é para quem faz mostrava-se uma senhora que seguia as tradições porém, o narrador conta os fatos, suas virtudes, mas não se compromete com o comportamento da personagem e utiliza parentes para afirmar “(diz ela)”. Mas, no meio da história é conhecida como “velha futriquenta”, por trazer desavenças entre as noras e os filhos, os genros e as filhas.

No decorrer da narrativa Moça rica carece de enfeite de marido bonito, a personagem Nenê, antes de se casar era vista como moça fértil por ter quadris largos e fartos seios, após o casamento, não conseguiu engravidar, pois no início evitava ter filhos, até aborto havia praticado. Quanto a questão do casamento, era por interesse particular de cada um, Clodovino para casar-se com moça rica e Nenê, para ter um marido bonito, como aponta o título da narrativa, “moça rica carece ter um marido bonito”.

A narrativa O genro-capitão-de-indústria apresenta de maneira clara que era profis-

são ser genro de fazendeiro, pois quanto mais influente e conhecido no mercado o sogro fosse, mais era favorável ao genro nos negócios, para administrar e ampliar a herança da esposa. Mesmo que ele sofreu traições, o assunto foi abafado para que ninguém mais soubesse, pois se considerava um verdadeiro administrador, o qual fez a herança de sua esposa se multiplicar.

Durante a leitura, surge aquele desejo incosciente de rir da maneira humorada que os fatos são narrados, porém, há um tom moralista, uma vez que, o narrador parece ser um morador antigo de Beira Rio, que conhece tudo e todos e ainda narra parecendo dar lição de moral nos moradores, mas sem se comprometer com o que os moradores diz a respeito de seus próprios comportamentos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia técnica e arte*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BRAUNER, Eugênio Ferreira. “Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto”: ironia de um narrador e discussão do romance. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas *Dossiê: o romance português e o mundo contemporâneo* PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 05 N. 02 – jul/dez 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

COMPAGNON, Antônio. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

EUCLIDES NETO. *Os gêneros*. São Paulo: Edições GRD, 1981.

GASPARETTO, Júnior. História Antiga. Disponível in: <http://www.infoescola.com/historia/historia-antiga>, 2013.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

LOBO, Luiza. Leitor. In: JOBIM, José Luis (org). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 231 – 252.

PIGLIA, Ricardo. La lectura de la ficción. In: _____. *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Desbolsillo, 2014 (p. 9-19).

Rocha, Lurdes Bertol. *A região cacauzeira da Bahia: uma abordagem fenomenológica*. Aracaju, SE: UFS/ POSGRAD, 2006.

SILVA, Fernando Moreno da. *As várias faces do riso*. In: REVISTA TRAVESSIAS, 8, 2008. Disponível em:< http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_008/Cultura%20PDFs/Fernando%20Moreno%20PRONTO.pdf> acesso em 2008.

WANDERLEY, Jorge. Literatura. In: JOBIN, José Luis (org). *Palavras Críticas: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1992, p. 231-252.